

Analizando expressões (G-H)

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo apresenta alguns verbetes que integrarão um futuro “Dicionário de linguagem e expressões brasileiras”, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

Palavras Chave: expressões brasileiras. uso, datação e sentido.

Abstract: This article presents some entries (as part of a coming Dictionary) of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage.

Keywords: Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

Gente fina é outra coisa – fidalguia

Além de seu significado principal (de normal, comum), “ordinário” tem uma série de sentidos negativos: um tecido ordinário é de pouca qualidade, inferior; um espírito ordinário é medíocre, sem brilho; atitudes ordinárias são de má educação; vocabulário ordinário é indecente e obsceno (Houaiss). O que é rude e grosseiro é associado ao comum e geral: o vulgar do vulgo, a mediocridade da média, o reles da ralé. Se a massa é considerada inferior e grossa, “gente fina é outra coisa”: expressão que surge e se impõe na década de 70 para elogiar a genuína elegância, que se destaca do rebanho (que é a etimologia de “e-grégio”), que tem um sinal que a distingue (in-signe).

A primeira aparição da locução na BN ocorre em 1971. O jurado Antonio Carlos migrou do programa do Chacrinha para o de Sílvio Santos e, com isso, mudou de figurino e deixou o estilo despojado:

“E agora só vai de paletó Saint-Laurent, lenços Dior etc. etc. (...) Pois é, gente fina é outra coisa, né?”
 (“Diário da Noite” SP, 27-11-1971)

Naturalmente, a expressão logo foi aproveitada em peças de publicidade (para promover venda de imóveis, roupas etc.), como tema de bloco carnavalesco (de gente chique) etc.

Curiosamente essa locução recupera etimologicamente uma palavra tão antiga quanto a língua portuguesa: fidalgo. Fidalgo (gente fina...) é a composição de “filho de algo”. E “algo” procede do latim *aliquid* = *aliud quid*, “outra coisa” (literalmente: outro quê).

Gírias provenientes do mundo das drogas

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br. Autor de dois recém-lançados Pequenos Dicionários de expressões brasileiras. São Paulo: Enguaguaçu, 2023.

Em 08-09-1978, “O Pasquim” publicou um “dicionário” com 130 verbetes de gírias dos usuários de drogas: o “Manual do Careta” de J. Goldstein. Muitas dessas expressões, então ainda recentes, perduraram e, a seguir, recolhemos 18 que transcenderam seu âmbito de nascença (algumas, talvez nem tenham nele se originado...) e passaram para a linguagem comum geral:

Agitar – ir à luta, descolar algum barato. [a forma “agito” não consta no “Manual”].

Barato – onda provocada por drogas.

Cortar o barato – interferir na viagem, na doideira ou na ligação. [É a 4ª. aparição na BN dessa expressão, que lá surgiu em 1973, já sem ligação com drogas: “acabar com a diversão ou prazer de alguém”].

Dançar – se dar mal.

Dar um tempo – passar um período sem consumir drogas ou determinada droga.

Descolar – se dar bem, conseguir o bagulhinho ou outra transa qualquer.

Doidão – pessoa chegada às drogas, no barato ou não.

Doidera – efeito agradável encontrado na maioria das drogas.

Fazer a cabeça – ficar doidão.

Fissura – vontade de agitar alguma.

Fissurado – indivíduo permanentemente a fim de agitar.

Ligado – diz-se do indivíduo que está agitado devido a drogas.

Ligadão – diz-se do indivíduo que está sempre agitado, com ou sem drogas.

Limpeza – estado de liberdade causado pela ausência de grilos.

Muito louco – tratamento carinhoso muito usado entre a moçada.

Onda – o que as drogas dão.

Porra louca – diz-se do indivíduo que se recusa a entender os caretas. [É a 2ª. aparição na BN dessa expressão, que lá surgiu em 1977, no sentido – hoje usual – de “irresponsável”].

Viagem – nome dado ao barato lisérgico.

Glória de Deus- I: Tom Jobim e Tomás de Aquino

No antiquíssimo hino “Gloria in excelsis Deo”, que se recita/canta nas missas de domingo e dias festivos, encontra-se um verso no qual agradecemos a Deus por... sua glória:

“*Gratias agimus tibi propter magnam gloriam tuam*”, “nós vos damos graças por vossa imensa glória”.

Ele sucede a outros versos, que proclamam: “Nós Vos louvamos, nós Vos bendizemos, nós Vos adoramos, nós Vos glorificamos”. Se se trata de exaltar a glória de Deus, é óbvio que cabe o adorar, louvar etc. mas que sentido tem agradecer a Deus pela glória que é dEle? Quais são os benefícios que recebemos dessa glória?

Para bem responder a essa pergunta, precisamos recordar a doutrina da participação, central para a compreensão da Criação (na qual Deus dá o ser) e da Graça (que nos faz Seus filhos). Essa doutrina é bíblica e foi desenvolvida teologicamente por Santo Tomás de Aquino.

Neste verbete, limitar-nos-emos à Criação: nela Deus nos dá o ser como participação.

Tomás explica que o sentido mais profundo do participar é o de “ter” em oposição a “ser”: o fogo é calor; o metal **tem** calor quando participa do calor que é no fogo. Assim, na Criação, **temos** o ser, mas Deus é. (E na graça, recebemos a filiação divina, que é em Cristo: Ele é o filho de Deus, nós **temos** a filiação divina em Cristo).

Afirmar a Criação por participação é afirmar que o mundo é bom! As coisas criadas são boas (todas elas, incluindo as mais materiais e prosaicas; as visíveis e as invisíveis, como proclama o Credo!).

Uma única sentença de Tomás resume muito bem toda a visão-de mundo assentada na Criação como participação:

Sicut bonum creatum est quaedam similitudo et participatio boni increati, ita adeptio boni creati est quaedam similitudinaria beatitudo (De malo 5,1, ad 5).

Assim como o bem criado é uma certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de um bem criado é uma certa semelhança e participação da bem-aventurança final.

Sim, é certo que a felicidade definitiva do homem reside na posse de Deus pela contemplação, pelo olhar de amor; mas, para o Aquinate, essa felicidade não é algo “transferido” para depois da morte, e sim, algo que irrompe, que já principia nesta vida, pela fruição do bem de Deus nos bens do mundo, até mesmo em um copo de água fresca num dia de calor...

Assim, a Glória de Deus se manifesta na bondade e na beleza do mundo e é claro que devemos Lhe agradecer por isso.

Há assim, uma “estética da participação” e uma “mística do cotidiano”, tal como proposta por Adélia Prado. Sua poesia faz-nos ver (ou entrever...) e lembrar essa realidade transcendente no inaparente do cotidiano. É o que a própria Adélia reafirma:

Como quando um dia, num caminho habitual, você se espanta com algo – uma casa, uma obra, uma coisa – que já tinha visto muitas vezes. “Que beleza! Eu nunca tinha enxergado isso desse jeito!”. Aí você pode **dar graças** [grifo nosso]: você está tendo uma experiência poética, que é ao mesmo tempo religiosa, no sentido que liga você a um centro de significação e de sentido. (...) O verdadeiro poeta está centrado na realidade, a arte não aliena ninguém, ela não tira da realidade; pelo contrário, ela traz para o real. (...)

Essa minha insistência no cotidiano é porque a gente só tem ele: é muito difícil a pessoa se dar conta de que todos nós só temos o cotidiano, que é absolutamente ordinário (ele não é extra-ordinário); o cotidiano da rainha da Inglaterra deve ser tão insuportável quanto o de uma lavadeira (...). E eu tenho absoluta convicção de que é atrás, através do cotidiano que se revelam a metafísica e a beleza; já está na Criação, na nossa vida (...). O nosso heroico, o nosso heroísmo é deste cotidiano (...). Nossa vida é linda: o cotidiano é o grande tesouro, como diz um filósofo [Josef Pieper]: admirar-se do que é natural é que é o bacana; admirar-se desta água aqui. Quem é que se admira da água, a que estamos tão habituados? Mas a alma criadora sensível, um belo dia se admira desse ser extraordinário, essa água que está tremeluzindo aqui na minha frente e, na verdade, eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão? Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas, admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo. Eu quero essa vidinha, essa é que é a boa, com toda a chaturinha dela e suas coisas difíceis.²

Claro que podemos muito bem ficar no raso e não captar essas belezas da Criação. E a missão da arte é a de despertar nosso olhar embotado, para nos fazer ver as mil maravilhas do cotidiano, como diz um antológico verso de Adélia:

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra e vejo pedra mesmo³

A doutrina teológica da participação (e a da Glória de Deus) encontra uma surpreendente confirmação em ninguém menos do que Tom Jobim, dotado de uma incomparável intuição para a presença gloriosa de Deus no cotidiano.

Em 1991, escrevi para o semanário “Atualidade”, da PUC-PR (08-08-1991), o artigo “A Filosofia da arte de S. Tomás e Tom Jobim”, comentando o fato de ele, naqueles dias, ter sido imortalizado no *Songwriters Hall of Fame* (New York, 1991). Depois de uma breve exposição da doutrina da *participatio* na Criação, recolhi uma declaração muito profunda de Tom, quando perguntado sobre qual era a sensação de glória ao receber essa distinção. Sua resposta foi:

Glória? A glória é de Deus e não da pessoa. Você pode até *participar* dela quando faz um samba de manhã. Glória são os peixes do mar, é mulher andando na praia, é fazer um samba de manhã.

² Disponível em www.hottopos.com/isle7/55-68Jean.pdf.

³ Adélia Prado, *Poesia Reunida*, Siciliano, 1991, p. 199.

Nessa mesma linha, outras declarações do compositor. Em 28-12-19, em memória dos 25 anos de sua morte, a Globo News exibiu um *Arquivo N* dedicado ao maestro, centrado em entrevista à sua filha Maria Luiza Jobim. Nele, em uma imagem antiga, Tom declara à entrevistadora: “Na música, o que mais me importa é levar você à felicidade, levar você a Deus!”. E das memórias de infância de Luíza, dos seus 6 ou 7 anos, aparece o Tomás de Aquino de raiz:

Eu lembro muito de nossos passeios ao Jardim Botânico, que a gente fazia quase que diariamente, só eu e ele. E ele ia me mostrando o nome das árvores e o nome dos passarinhos. E eu lembro dele me mostrando o Ipê amarelo, aquela árvore com aquele **a-ma-re-lo**...! E eu, Nossa!, extasiada, criança: “Lulu, isto é amarelo-Deus!” E eu nunca mais esqueci disso...

Duas notas finais.

1. A doutrina da participação não deve ser confundida com uma visão de mundo de Poliana ou comercial de margarina. O contraponto do encantamento está no que Tomás diz do dom da ciência (e Tom em “Águas de Março”). De fato, para Tomás, o dom da ciência (conhecer a fundo as coisas criadas), dom do Espírito Santo, corresponde à bem-aventurança dos que choram: “scientia convenit lugentibus” (II-II 9, 4 sc). Pois a criatura, enquanto procede do nada, de *per si* é treva “est tenebra in quantum est ex nihilo” (só é luz enquanto, por participação, se assemelha a Deus). E obscuro é também o conhecimento que a criatura oferece: “sed quia creatura ex hoc quod ex nihilo est, tenebras possibilitatis et imperfectionis habet, ideo cognitio qua creatura cognoscitur, tenebris admixta est” (In II Sent. d 12, q3, 1, c). Quanto mais *scientia*, maior a depressão: porque se constata quão deficientes são as coisas do mundo. Toda essa doutrina de Tomás encontra uma inesperada e discreta confirmação até na canção “Garota de Ipanema”, de Vinicius e Tom. A letra, como todos recordam, vai falando da beleza: “Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça. É ela, menina, que vem e que passa” e de como “o mundo inteirinho se enche de graça etc.” E, de repente, o verso, tão profundo quanto inesperado e (só) aparentemente contraditório: “Oh, por que tudo é tão triste?” Por que a beleza traz consigo também a sensação de solidão e tristeza? Talvez também porque se adivinha que a criatura tem a beleza de modo precário e contingente; só Deus é a Beleza incondicional e *simpliciter*.

2. Uma curiosidade de compreensão e tradução (à primeira vista, assustadora!) dá-se a propósito da *participatio*, quando Tomás diz: “*sol non potest dici calidus*”: não se pode dizer que o sol é quente! E é que, na participação, sendo uma realidade fonte e raiz das que dela participam (daí os nossos *participios*), a fonte é o sol, que é calor e não *calidus* (em latim, um participio: “esquentado”). Assim, para Tomás, em sua concepção de participação, a rigor não podemos predicar “quente” (*calidus*) do sol, se a cada momento aplicamos a palavra “quente” para coisas esquentadas pelo sol, dizendo que a casa ou o dia estão quentes (se o dia ou a casa **têm** calor é porque o sol é quente). Isso se compreende melhor quando consideramos que o gelo – em um isopor de piquenique – é a razão de que a cerveja esteja gelada (um participio, pois é por participação), mas do próprio gelo não se pode dizer que seja gelado (ele é, por assim dizer, a “geleidade”). Nessa mesma linha, com emoção, topei um dia, no dicionário *Robert-Proverbs* com um felicíssimo provérbio do povo africano Abé (Costa do Marfim), que diz: “Do próprio sal não se diz salgado”...

“Glória de Deus”- II: a felicidade eterna

No verbete anterior, citamos uma sentença fundamental de Tomás de Aquino, que relaciona a felicidade de agora com a eterna:

Assim como o bem criado é uma certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de um bem criado é uma certa semelhança e participação da bem-aventurança final.

Essa metafísica da participação é expressa na linguagem coloquial do espanhol, que quando algo está gostoso (um doce, um prato, um vinho etc.) diz: “*¡Sabe a gloria!*”, tem gosto de céu...

Tomás, já no séc. XIII, ao discutir a felicidade humana no começo da I-II da *Summa*, denuncia *avant la lettre* os perigos existenciais de nossa sociedade de consumo: acenar para a ânsia de infinito do coração humano com a absolutização de bens limitados, mas que prometem uma falsa infinitude: é o perigo, diz ele, dos bens artificiais (*divitiae artificiales*), que o dinheiro pode comprar: eles falseiam a infinitude genuína do coração humano (I-II, 2, 1, 3, *corpus* e ad 3).

Essa é a razão do sucesso das campanhas de publicidade que acenam para a felicidade plena, anunciando um refrigerante ou um sanduíche. Pelo mesmo instinto de felicidade eterna, pelo qual as crianças são magneticamente atraídas por histórias que acabam com “... e foram felizes para sempre”, assim também as agências nos lançam cenas de felicidade imperturbável, associadas ao Big Mac: “Gostoso, como a vida deve ser”. E por longos anos a Coca-Cola associou-se ao advérbio: “Sempre!” (que, em português, não traduz somente “always” mas também “forever”...). Tal como a língua árabe – sempre repleta de referências religiosas, mesmo para as realidades mais comezinhas – cunhou a fórmula de satisfação: *Dayman!* Quando algo (um prato, uma bebida...) está muito gostoso, vem a exclamação: *Dayman!*, “Sempre!”, que fique assim por toda a eternidade... E a resposta é: *Dayman bihayatuka!*, “Para sempre e com tua vida!”...

Esse “instinto” de paz e felicidade duradouras é tão forte que nos deixa perplexos quando somos confrontados com a realidade, que misteriosamente se apresenta como “vale de lágrimas”... É como se nosso coração dissesse: “não era para ser assim!”. Será essencialmente condenado à frustração esse desejo de paz, amor e felicidade perfeitos?

“Há coisas que só acontecem ao Botafogo” – corrigindo mais uma lenda da fraseologia

O terreno da fraseologia é propício a atrair imprecisões e erros que se propalam sem o menor espírito crítico ou rigor científico.

Entre tantas outras “fake news” que venho desmascarando há anos, uma das mais importantes foi a propósito do surgimento das expressões “torcer”, “torcida” e “torcedor”, falsa e unanimemente (até então) atribuídas a Coelho Neto em uma (lendária, inexistente) crônica da década de 1910, a propósito das moças adeptas do Fluminense, que torceriam as luvas por estarem nervosas com o jogo etc. (cf. meu artigo: <http://www.hottopos.com/rih36/05-14Jean.pdf>). Como mostro no artigo, na verdade, esse uso de “torcer” já aparece na BN em 1888 e vem detalhadamente explicado em jornal de 1894!

Outro caso: em campanha avassaladora e tido por todos como quase certo campeão do Brasileirão de 2023 – tinha chegado a ficar na liderança por 30 rodadas e a abrir 13 pontos de vantagem sobre o vice – o Glorioso, com uma incrivelmente desastrosa campanha no segundo turno, deixou escapar o troféu e a mídia repetiu à exaustão a célebre sentença “Há coisas que só acontecem ao Botafogo”...

Errou a imprensa, porém, ao atribuir a criação dessa frase ao famoso poeta e jornalista Paulo Mendes Campos (entre outros equívocos), botafoguense roxo, como neste par de ilustres exemplos:

Esporte na Band (30-11-2023)

A frase que virou folclore no futebol brasileiro nasceu por um alvinegro. O escritor e jornalista Paulo Mendes Campos (1922-1991), na crônica “O Botafogo e Eu”, de 1957, deu origem ao termo “Há coisas que só acontecem ao Botafogo”

(<https://www.band.uol.com.br/esportes/saiba-como-surgiu-a-frase-ha-coisas-que-so-acontecem-ao-botafogo-16650986>. Acesso em 01-12-2023)

[Além de não ser de criação de PMC, a crônica citada é de 1962)

ou

Paulo Vinicius Coelho – UOL (02-11-2023)

[repete os erros da citação anterior, junto com outros equívocos]

(<https://www.uol.com.br/esporte/colunas/pvc/2023/11/02/ha-coisas-que-so-aconteceu-ao-botafogo-frase-nasceu-com-botafogo-campeao.htm>. Acesso em 01-12-2023).

Na verdade, Paulo Mendes Campos usou a frase, em 1962, na crônica “O Botafogo e eu” (“Manchete” RJ, 25-08-1962), mas a sentença aparece muitas vezes na BN já a partir de 1947, quinze anos antes da crônica de PMC. Sua primeira ocorrência dá-se em 17-06-1947, no “Jornal dos Sports”, como título de notícia assinada por Luiz Bayer (e, sendo já considerada sentença famosa, o autor nem dá explicações sobre ela). O mesmo jornal afirma e reafirma, em 06-06-1948, que o pai da expressão é outro autor: “a famosa frase de Gastão Soares de Moura”. Já em 06-12-1952, para o “Diário da Noite” a frase teria sido cunhada por um outro jornalista: “Bem diz o João Lira que ‘essas coisas só acontecem ao Botafogo’...”. No ano seguinte, o mesmo jornal atribui a sentença ainda a um terceiro: “Bem o Carlito diz que há coisas que só acontecem ao Botafogo” (07-02-1953).

Mas, claro, é mais chique dizer que quem a cunhou foi o célebre Paulo Mendes Campos, atropelando 15 anos de precedência e cento e tantos de usos prévios em relação a PMC... E essa falsa “paternidade” continua dominante na imprensa de hoje!

(O texto de) Humor mais divulgado na história de nossa imprensa

Este verbete é uma homenagem a um genial humorista anônimo e seu já sesquicentenário texto, que realizou façanha ímpar na história da imprensa brasileira.

Um caso incrível: um anônimo longo texto humorístico, que aparece na BN em 1872, foi reproduzido em nossa imprensa (integral ou parcialmente) dezenas de vezes ao longo de setenta anos, não do ponto de vista histórico, mas como se tivesse sido escrito na data em que cada jornal o reaproveita (sem nunca mencionar que sua composição foi feita 60, 30 ou tantos anos antes).

Trata-se de “A grammatica do namorado” (com suas 33 regras “gramaticais”), engenhosa produção de humor elaborado, satírico, sutil e picante (e, claro, marcada pela visão e preconceitos da época...), que aparece por primeira vez na BN no “Diario de São Paulo” de 24 de setembro de 1872, na seção “Cousas Diversas”. A “gramática” é também valioso registro histórico e sociológico da mentalidade da época.

Ao que tudo indica, a “Gramática” tem sua origem em Portugal e não no Brasil, e elementos da própria primeira edição na imprensa brasileira sugerem que ela tenha sido copiada dos lusitanos. Assim, na sentença #17, a namorada “vai para Cintra (sic)”, na realidade, a cidade de Sintra (por vezes, na época, grafada também com C, como no caso de “Bela Cintra”, famosa rua de São Paulo, que homenageia a formosa Sintra portuguesa...). Corrobora nossa hipótese, o fato de que em 22-01-1879, “O Correio da Noite”, em sua edição da “Gramática”, faz uma adaptação para o Brasil: a namorada vai para Petrópolis (a “nossa” Sintra).

Já na sentença #28 (ver na lista), o criado é “um gallego”, objeto de preconceito, na época, próprio de Portugal, já totalmente sem escravos (desde o fim da década de 1860) e com os galegos sofrendo discriminação (por vezes ácida, como o “defectivo” em # 28...) e exercendo trabalhos não qualificados na sociedade de Lisboa. Em artigo de Carlos Pazos Justo⁴, precisamente sobre esse tema, encontramos “criado doméstico” entre os ofícios exercidos por galegos em Portugal na segunda metade do século 19⁵. Assim, em Portugal, tipicamente, o criado de recados é “galego”: ao reproduzir uma notícia portuguesa, de um golpe aplicado em uma joalheria de Lisboa, no qual o vigarista (que alega ter esquecido a carteira) pede para o dono da loja que mande um criado acompanhá-lo até o Hotel, este envia: “um gallego, que costuma fazer os recados da casa, seguiu logo o sujeito” (“O Apostolo” RJ, 29-10-1888). Significativamente, no Brasil escravista, para o jornal carioca “Correio da Noite” (23-01-1879), na mesma #28 da “Grammatica”, em vez de criada/galego, quem leva as cartas de amor é: mucama/moleque.

Finalmente, em um lance de muita sorte, topamos com uma pista decisiva: uma edição especial do jornal português “Diario Illustrado”, que trouxe o Índice de Matérias que o jornal publicou de Julho a Dezembro de 1872⁶. Nesse Índice, consta uma referência à “Grammatica do namorado”, que teria sido publicada no “Diario Illustrado” do dia 26-08-1872, quase um mês antes da primeira homônima brasileira. Com esses dados, pudemos acessar essa edição de 26-08-1872 e, de fato, lá estava a (provável) primeiríssima edição de nossa “Gramática”⁷, que logo foi copiada *ipsis verbis* pelo “Diario de São Paulo”.

Este é o texto da primeira aparição da “Gramática” na BN em 1872:

⁴ “A imagem da Galiza e dos galegos em Portugal entre fins do século XIX...” **Veredas**: Santiago de Compostela. 2011: No. 16, p. 41.

⁵ “A imagem da Galiza e dos galegos em Portugal entre fins do século XIX...” **Veredas**: Santiago de Compostela. 2011: No. 16, p. 41.

⁶ https://purl.pt/14328/1/j-1244-g_1872-06-30/j-1244-g_1872-06-30_item2/j-1244-g_1872-06-30_PDF/j-1244-g_1872-06-30_PDF_24-C-R0150/j-1244-g_1872-06-30_0000_Index-4_t24-C-R0150.pdf Acesso em 03-12-23.

⁷ <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/viewer/234688/?offset=10#page=3&viewer=picture&o=info&n=0&q=>. Acesso em 03-12-23.

A gramática do namorado

- A mulher é um adjetivo, que precisa concordar com o “substantivo homem”, para estar “gramaticalmente” na sociedade.
- O namoro é um “advérbio de tempo, com um complemento teminativo”: o casamento.
- Os arrufos são “orações incidentes” no “período” adoração!
- Quando alguns pensam em tomar esposa, procuram logo a “oração principal”: o dote.
- [#5] – O “verbo amar” é de todos os verbos da língua o mais “irregular”. Há mulheres que não o sabem absolutamente conjugar, porque lhes esquece o “tempo” e as “pessoas”.
- Quantas vezes um rapaz deixa de casar, porque a mulher-preposição pede depois um “complemento transitivo”: “carruagem”.
- O grande “verbo reflexivo” é ser constante.
- Uma solteirona bem conservada, é um “pretérito-perfeito”; como uma entrada em annos e acabada, é um “pretérito-imperfeito”.
- Uma destas priminhas, que logo aos 13 annos começa a gostar de um primo, porque os pais vêm naquillo um casamento de conveniencia, é um “futuro-condicional”, que se torna um “futuro-absoluto” se apparece outra mulher que saiba captivar o primo.
- [#10] – Quando se faz uma declaração de amor, conjuga-se o verbo “no modo indicativo do tempo presente”.
- Uma traição no amor é uma “conjuncção-disjunctiva”.
- Quando uma mulher, que eu conheço, olhou para “elle” com aquelles olhos azues pretos que ella tem, conjugou o “verbo amar” na segunda pessoa do singular do presente do modo imperativo: ama tu?
- Quando se não pode dizer ao certo se uma mulher gosta de Pedro ou de Paulo, é porque há uma “amphibologia”.
- Quando se não vê namoro conhecido a uma mulher, deve dizer-se que o sujeito “está occulto por elypse”.
- [#15] – Quando dous namorados esfriam é porque “andam nas declinações”.
- Quando elle e ella conversam devagarinho, a um canto da sala, estão “entre parenthesis”.
- Quando ella vai para Cintra e elle coitado fica na repartição, puzeram-se “reticencias” no namoro.
- O casamento é o “ifem” ou “riscos” do namoro.
- Quando um pai anda na faina de casar as filhas, é como se tratasse da “conjugação”.
- [20] – Póde-se tanto dizer: “o meu amor” como o meu “complemento objectivo”.
- Quando “elle” ainda noivo se apresenta muito ciumento, põe na oração um “complemento circumstancial” do modo como ha de ser quando casar.
- A arte de levar com sossego um negocio de amor, chama-se a “sintaxe”.
- Um pai, se vai tirar informações do namorado da filha, está fazendo “a analyse da oração e busca conhecer o sujeito”.
- Estudar a “etymologia” de uma mulher é ver quais os namoros que tem tido.
- [#25] – Uma destas mulhereças, corpulentas e espadaudas, é um “superlativo de mulher”.

- E uma creaturinha, pequenina, e muito leve, é um “diminutivo” perfeito.
- Quando um pai proíbe expressamente à filha que namore Pedro ou Sancho, “põe ponto final no periodo”, mas ela às vezes muda-o para uma simples “virgula”.
- [#28] – A criada que leva as cartas “delle” a “ella” é um “verbo auxiliar”; se não é uma criada mas um gallego, é então um “verbo auxiliar defectivo”.
- Namorar duas ao mesmo tempo é um “pleonasma”.
- [30] – A mulher quando falla do seu namorado póde dizer: o “meu substantivo próprio”.
- Os olhos às vezes, dizem amor, e a boca modifica esse sentimento. Os olhos são o “radical ou sufixo” e a boca a “desinencia”.
- Ha mulheres que nunca amáram: são “verbos substantivos”, não podem ter “complemento objectivo”, quando muito têm “attributo”.
- Os homens que namoram todas as mulheres são “substantivos comuns”.

Nas inúmeras reproduções na BN, desde a década de 1870 até a de 1940, nas mais variadas publicações – que vão desde a “Tribuna Militar” (1881) ao jornal fundamentalista católico “A Cruz” (1925) ou a debochada “O Rio-Nú” (1898) – o texto (nem sempre publicado na íntegra), naturalmente, não é uniforme, mas recebe ligeiras diferenças de versão, adaptações etc. E o próprio título varia: “Gramática do amor”, “Gramática das Mulheres” etc.

Na BN a última edição da “Gramática” que encontramos é de 02-02-1941, no caxiense (RS) “A Época”. Já em Portugal, mais de cem anos depois de seu surgimento, trechos de “A Mulher e a Gramática” ainda foi publicada em “Notícias de Campelo” (Avença), em sua edição de maio de 1976!⁸. E pude encontrar um blog português que, em pleno século 21 (maio de 2019), reproduz algumas daquelas politicamente incorretas regras⁹.

Recebido para publicação em 19-12-23; aceito em 03-01-24

⁸.

https://www.bmfigueirodosvinhos.com.pt/images/pdfs/imprensa_local/Noticias_de_Campelo_1961_1980/1976/noticiasdecampeloN0069_19760500.pdf Acesso em 03-12-2023.

⁹. <https://joaozures.blogs.sapo.pt/2019/05/> Acesso em 03-12-2023.